

ESCRITAS DA VIOLÊNCIA¹
APRESENTAÇÃO DOS ANAIS DOS COLÓQUIOS DE 2007 E 2010

Moacyr V. Godoy Moreira (USP)²

Os colóquios *Projeto Temático Escritas da Violência I e II*, ocorridos entre 16 e 18 de outubro de 2007, e entre 29 e 30 de abril de 2010, trouxeram a público o conteúdo de trabalhos com os quais estão envolvidos pesquisadores, professores e alunos, tanto de graduação quanto inscritos em programas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, ligados ao Grupo de Pesquisa Escritas da Violência, coordenado pelos professores Márcio Seligmann-Silva e Francisco Foot Hartman, da UNICAMP, e Jaime Ginzburg, da USP. A pluralidade acadêmica dos participantes é o primeiro ponto a ser ressaltado nos colóquios, visto que, em geral, a proposta dos seminários e congressos é convidar professores, ficando os alunos restritos à participação em mesas e eventos isolados. Essa integração reflete a ideia de pluralidade do Grupo de abrigar o máximo possível de estudiosos em seus mais variados níveis de complexidade na trajetória universitária. O objetivo dos pesquisadores tem sido mapear representações literárias de regimes autoritários e experiências históricas de violência, considerando o contexto ideológico e cultural, lançando um olhar sobre o Brasil, a América Hispânica e a Alemanha, fundamentalmente.

Os dois dossiês estão publicados na revista *Literatura e Autoritarismo*³, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por iniciativa da professora Rosani Umbach. A revista se destaca no meio acadêmico por veicular trabalhos que investigam as relações entre obras literárias e situações históricas totalitárias e condições de violência e exclusão.

Os estudos apresentados buscam encontrar nas obras produzidas em contextos violentos aspectos que permitam elaborar uma discussão, de maneira mais detida, a respeito das relações entre os regimes políticos e sociais nos quais os livros foram escritos e a estrutura formal destes. Encontram-se aqui vieses interpretativos que passam pela sociologia da literatura, pela

historicidade e pela discussão de categorias como nacionalismo, testemunho, memória, constituição do sujeito e questionamento da mimese, e de como a ideia de violência histórica articula-se com questões estéticas e dos gêneros literários. Outros questionamentos levantados são: em que medida a postura ideológica ou política de um autor se relaciona com sua produção artística; como conflitos do ambiente social podem se relacionar a problemas estilísticos, tensões e ambiguidades internas nos textos; e de como as catástrofes do século XX e XXI alteraram forma, linguagem e construção dos livros pesquisados.

O valor das produções testemunhais, do ponto de vista dos gêneros canônicos conhecidos, é um outro tópico abordado, desenvolvido mais detidamente abaixo. Autores como Raymundo Faoro, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre (além de historiadores como Roberto Reis e José Murilo de Carvalho) auxiliaram na leitura da formação ambivalente da sociedade brasileira, permitindo uma análise das desigualdades do país frente às obras produzidas nos períodos históricos abordados. Os massacres, genocídios e atitudes de violência extrema vivenciados na Primeira e Segunda Guerras Mundiais, os regimes ditatoriais brasileiro e dos países da América Latina e as recentes guerras de independência dos países lusófonos permeiam um campo comum de discussão, aproximando as obras literárias do ponto de vista da investigação para abordar questões sobre produção, postura da crítica especializada e do público em geral, tentando estabelecer uma leitura de como a influência dos ambientes violentos e coercitivos aparecem nos textos escolhidos. Trabalhos teóricos de autores como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Anatol Rosenfeld e Benedito Nunes colaboram com a trama argumentativa utilizada pelos pesquisadores, aumentando a riqueza e a complexidade dos debates em busca das mediações mais adequadas.

Em frase de Theodor Adorno, citada por Gabriela Ruggiero Nor em seu trabalho *O foco narrativo em Teatro*, de Bernardo Carvalho, podemos estabelecer um ponto de partida para algo que delinea os 36 trabalhos (18 apresentados em cada um dos colóquios): "Contar algo significa ter algo especial a dizer"⁴. A frase surge no ensaio *Posição do narrador no romance*

contemporâneo, em que Adorno desenvolve uma argumentação bastante elucidativa sobre muitas das linhas mestras que são abordadas nos ensaios aqui apresentados. A associação entre violência e narrativa pressupõe que os autores das obras estudadas, seja na forma de textos literários dos gêneros mais conhecidos (o romance, o conto, a poesia), seja na forma de testemunho, têm algo especial a contar. Contar sobre o ato de violência – ou sobre a sociedade na qual personagens ou o próprio autor sofreram reflexos direta ou indiretamente de regimes totalitários – é um dos principais objetivos do Grupo Escritas da Violência.

O questionamento da forma e de critérios de classificação e inclusão de uma obra no cânone é outro aspecto que chama a atenção no conjunto dos trabalhos, como já mencionado. Vários estudiosos debruçaram-se sobre a categoria da memória e do testemunho, privilegiando a leitura de obras que, em geral, fogem à forma canônica do texto literário, como em relatos de prisioneiros, que ressignificam, através da escrita, a categoria da constituição do sujeito, em momentos incorporando ao texto regras e valores apreendidos no ambiente carcerário (como no trabalho de Maria Rita Sigaud Soares Palmeira, *Ambivalências formais em Memórias de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes, e Diário de um detento: o livro, de Jocenir*, exposição posteriormente desenvolvida em original tese de doutorado), textos híbridos, incluindo cartas, ensaio e ficção (como no trabalho de Paloma Vidal sobre o livro *Las genealogías*, da escritora mexicana Margo Glanz, em que há um estudo de como se pode construir a memória através da escrita), e obras que trazem elementos linguísticos de dois países incorporados à narrativa (como no trabalho de Pablo Gasparini, *No entremeio do trágico: Perlongher e os 'cadáveres' da nação*, em que o autor argentino, que viveu no Brasil entre 1982 e 1992, questiona o conceito de identidade nacional, criando um texto que utiliza termos em português e em espanhol, alternadamente, e por vezes uma mistura das duas línguas).

Atualmente, no campo da crítica literária, a categoria do nacionalismo tem sido estudada em múltiplas vertentes. Uma das mais produtivas é a que

aproxima a literatura brasileira das literaturas latino-americanas de língua espanhola e da literatura lusófona (Angola, Moçambique e Cabo Verde, principalmente), visando a um distanciamento do foco eurocêntrico. Afastando-se do eixo europeu como perspectiva de comparação e modelo, considerando que os países europeus perpetraram regimes de extrema violência em seus processos de colonização – as guerras de independência de Moçambique e Angola ocorreram há menos de 50 anos – propõe-se um ponto de partida para análise destas obras diferente do adotado até o momento, havendo assim uma outra gama de valores calcados na ambientação e condições de produção e recepção das obras em seus países de origem, em diálogo com estas outras forças expressivas não europeias. Dos estudos apresentados, a literatura da América Latina aparece no trabalho *Bolaño e a representação ficcional da ditadura Pinochet*, de Carmem Cecília Rodriguez Almoncid (além do estudo já citado de Paloma Vidal sobre autora mexicana), em que faz uma análise dos romances *Estrela distante* e *Noturno* no Chile, do escritor chileno Roberto Bolaño, discutindo a questão da construção de uma memória individual e coletiva, frente a um regime ditatorial, avaliando as ligações entre texto literário e poder.

O período histórico brasileiro mais estudado pelos expositores foi o que se sucedeu ao Golpe Militar de 1964, que perdurou até 1985. Os livros *Em Câmara lenta*, de Renato Tapajós e *Memórias do esquecimento*, de Flávio Tavares, foram analisados por Jayme Costa Pinto, Diego Porto Del Cistia Nietto e Carlos Augusto Costa, com articulações bem elaboradas entre a obra e o instrumental teórico. Estudando também Flávio Tavares e o livro *Retrato Calado*, de Luis Roberto Salinas Fortes, Fabrício Flores Fernandes ressalta a relação problemática entre a voz do narrador e o material narrado, evidenciando a dificuldade de relatar a experiência vivenciada – aqui, e em vários dos trabalhos que se referem às categorias do trauma e do testemunho, textos de Márcio Seligmann-Silva servem como aparato teórico para viabilizar a argumentação. Textos de Caio Fernando Abreu foram investigados por Valéria Freitas Pereira, Roberto Círio Nogueira e Guilherme Fernandes. Ainda

no referido período histórico, Ramiro Giroldo, utilizando como base teórica Adorno e Lukács, aponta relações entre autoritarismo e narrativa no livro *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, e Natália Pires Tirso de Mello ressalta aspectos da violência urbana, em diálogo com a teoria de Benjamin e Foucault, e discorre sobre o livro *A casa de vidro*, de Ivan Angelo.

Retrocedendo na história do Brasil, abordando o período imperial, Rodrigo Cerqueira pesquisou os textos *A rosa e O cego*, de Joaquim Manuel de Macedo, apontando para relações entre textualidades e autoritarismo. Já no início da República e o período Vargas, surgiram trabalhos sobre Graciliano Ramos, especialmente sobre o livro *Memórias do Cárcere*, Lima Barreto e Cyro dos Anjos (apresentados por Eloisy Oliveira Batista, Daniela Birman, em contundente argumentação sobre a despersonalização e aniquilação do eu causadas pelo encarceramento, e Elisa Hickmann Nickel, que trabalha as relações de submissão e favores nos ambientes burocráticos dos serviços públicos), Patrícia Galvão (nos trabalhos de Larissa Satiko Ribeiro Higa, que participou de ambos os colóquios, enfatizando a mudança na trajetória criativa da autora após ser torturada pela ditadura de Vargas e também após a decepção com o partido comunista), Dyonélio Machado (em excelente trabalho de Fernando Simplicio dos Santos, estudando os romances *Deuses econômicos*, *Sol subterrâneo* e *Prodígios*, em que destaca a alegorização da linguagem para descrever a violência de Nero na Roma Antiga, traçando paralelos com a ditadura então vigente no Brasil) e Augusto dos Anjos (em trabalho de intertextualidade com *Ruínas de um governo*, de Rui Barbosa, de Maria Olívia Garcia Ribeiro de Arruda).

Sobre autores mais contemporâneos, Ana Carolina Teles escreveu sobre *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar e Gabriela Ruggiero Nor – já citada na abertura desta resenha - sobre *Teatro*, de Bernardo Carvalho (ambos, trabalhos com uma articulação entre obra e contextualização muito bem realizada, enfatizando aspectos da ambiguidade narrativa e elementos constitutivos da sociedade e da História brasileira recentes).

A respeito da Segunda Guerra Mundial, foram estudados autores brasileiros (José Geraldo Vieira, João Alphonsus e Boris Schneiderman, em consistente trabalho de Carlos Eduardo Fernando Netto, e Alberto Rangel, em estudo de Fabiana Bigaton Tonin), e autores estrangeiros (a notável escritora ucraniana Irène Némirovsky, cuja obra *Suíte francesa* foi lançada há apenas seis anos, autora que foi presa e executada no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, em trabalho de Cristiana Vieira Cancellier e Olivo, o autor austríaco Thomas Bernhad, em trabalho de Patrícia Miranda Davalos, e Pierre Seel, preso na França e enviado às forças nazistas por ser homossexual, em bem elaborado trabalho de Tiago Elídio).

A frase de Adorno, citada anteriormente, alerta para um aspecto presente na maior parte dos trabalhos apresentados: em situações diversas de opressão, os narradores – ou o eu lírico dos poemas – desejam contar sua experiência do terror, da tortura ou da tentativa de aniquilação. Walter Benjamin, em seu ensaio sobre o narrador, enfatiza que frente à brutalidade da experiência extrema de violência torna-se impossível contar o ocorrido com a linearidade que, por exemplo, os antigos viajantes utilizavam para relatar suas jornadas, narrativas orais que eram responsáveis pela perpetuação das histórias. O trauma oriundo da violência física ou psicológica faz com que o texto produzido, pela impossibilidade de claramente discorrer sobre os fatos traumáticos, surja na forma de uma prosa fragmentária, calcada na dissolução da personalidade, na ruína e na tentativa de reelaboração do eu diante da perda sofrida. O deslocamento do real que se enxerga através da forma fragmentária permite uma aproximação diversa das obras considerando a interpretação conservadora que em geral se dá dos Estados totalitários, numa historiografia marcada pela necessidade de manutenção das forças hegemônicas instituídas.

Um dos objetivos do grupo de estudos *Escritas da Violência* é verificar como esta elaboração da experiência traumática se apresenta nas obras literárias e, através de adequada mediação, traçar paralelos entre as obras e o contexto histórico dos regimes autoritários nos quais se inserem tais produções artísticas.

